

GT 12 – Trajetórias econômico-políticas da América Latina contemporânea

**CAPITALISMO EM PAUTA: A INFLUÊNCIA DO SISTEMA NA COBERTURA
JORNALÍSTICA ATUAL**

*CAPITALISM IN FOCUS: THE INFLUENCE OF THE SYSTEM ON CURRENT
JOURNALISTIC COVERAGE*

Letícia Gouveia Veras¹

RESUMO

O artigo analisa de que forma o sistema capitalista influencia a estrutura, as práticas e a pauta do jornalismo contemporâneo no Brasil. A partir do referencial teórico de autores como Nancy Fraser e Fabiana Moraes, discute-se como a concentração da propriedade midiática, a precarização do trabalho jornalístico e a lógica do mercado comprometem a função pública da imprensa e contribuem para a reprodução de desigualdades sociais, raciais e de gênero. Nesse contexto, o jornalismo independente é apresentado como uma alternativa crítica à mídia hegemônica, ao buscar ampliar a diversidade de vozes e tensionar narrativas dominantes. Contudo, enfrenta desafios estruturais, especialmente relacionados à sustentabilidade financeira e às limitações de alcance de público.

Palavras-chave: Capitalismo; jornalismo independente; concentração de mídia; democratização da informação

ABSTRACT

The article analyzes how the capitalist system influences the structure, practices, and agenda of contemporary journalism in Brazil. Based on the theoretical framework of authors such as Nancy Fraser and Fabiana Moraes, it discusses how the concentration of media ownership, the precarization of journalistic labor, and market logic undermine the public function of the press and contribute to the reproduction of social, racial, and gender inequalities. In this context, independent journalism is presented as a critical alternative to hegemonic media, as it seeks to expand the diversity of voices and challenge dominant narratives. However, it faces structural challenges, especially related to financial sustainability and limitations in audience reach.

Keywords: Capitalism; independent journalism; media concentration; democratization of information

Data de envio do artigo: 05/12/25

1 INTRODUÇÃO

¹ Pós-graduanda do curso de Mídia, Política e Sociedade da FESPSP. leticia.gouveiav@gmail.com

O capitalismo é uma questão que ultrapassa os limites da economia e se manifesta como um sistema que estrutura profundamente todas as esferas da vida social. Como afirma Nancy Fraser em *Capitalismo Canibal* (2024), vivemos uma crise na qual múltiplas formas de destruição convergem: desigualdade extrema, precarização do trabalho, crise do cuidado e da reprodução, colapso ecológico, violência racializada e sucateamento político. Essas calamidades não atuam isoladamente, mas se entrelaçam em um cenário de colapso sistêmico (FRASER, 2024).

Nesse contexto de crise generalizada, a produção jornalística também sofre os impactos desse modelo. O jornalismo ocupa um lugar relevante na promoção das instituições democráticas (FERREIRA, 2011). Por meio dele, as pessoas se informam sobre questões de interesse público, sendo seu principal objetivo “proporcionar aos cidadãos a informação de que necessitam para serem livres e autônomas” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 17).

No entanto, inserido nas engrenagens do capitalismo, o jornalismo enfrenta transformações profundas que comprometem sua função pública. Como observa Sodré (1977), a história da imprensa brasileira é marcada por sucessivas crises, atravessadas por disputas econômicas e interesses políticos.

Um exemplo de uma dessas crises é a privatização do setor de telecomunicações, que, segundo Felix (2010), moldou a mídia brasileira, alterando sua estrutura financeira, modelos de gestão, condições de trabalho e até a própria natureza do jornalismo no país. Iniciada em 1990, com os governos Fernando Collor (1990-1992), Itamar Franco (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), a privatização abriu caminho para a entrada massiva de capital estrangeiro no setor de mídia, transformando-o de uma estrutura historicamente dependente do Estado para uma dependente de fluxos financeiros globais.

O autor enxerga com pessimismo essa nova configuração. Felix aponta, por exemplo, que devido aos baixos salários e à desvalorização da profissão, muitos jornalistas migraram para áreas como revistas empresariais, eventos corporativos e produção de conteúdo para bancos. Para ele, essa mudança comprometeu a função essencial da imprensa, de informar, vigiar e revelar, pois os jornalistas passaram a depender economicamente dos mesmos agentes que antes fiscalizavam.

Além disso, as redações começaram a priorizar conteúdos vendáveis e a "celebrização" da notícia. O trabalho foi precarizado: agora jornalistas são multitarefas, produzem para diversos veículos com o mesmo salário. O autor critica a transformação do jornalista em prestador de serviços para empresas, distanciando-se de sua missão pública e aproximando-se dos interesses do capital.

Essa situação fez do jornalismo brasileiro mais uma profissão auxiliar do grande capital, à mercê de empresas, e menos a serviço da opinião pública. O jornalista passou a ser identificado como um profissional bem-sucedido a partir do número de empresas para as quais presta serviço, e não mais de acordo com as informações relevantes que possa oferecer ao conjunto da sociedade. Isso significa afirmar que os jornalistas brasileiros passaram a ter clientes em vez de fontes (FELIX, 2010, p. 370).

Assim como o sistema capitalista se configura a partir da alta concentração de renda na mão de poucos, a mídia brasileira espelha esta configuração. Cinco famílias controlam metade dos 50 veículos de comunicação com maior audiência no Brasil, segundo a pesquisa *Monitoramento da Propriedade da Mídia* (Media Ownership Monitor ou MOM), de 2017.

De acordo com o levantamento, os indicadores de risco à pluralidade na mídia brasileira revelam um cenário preocupante. A concentração de audiência, a concentração de propriedade cruzada e a proteção legal insuficiente contra a concentração horizontal representam riscos altos para a diversidade informativa. Também são classificados como de alto risco a ausência de leis que garantam transparência no controle da mídia e o controle político sobre o financiamento da mídia. Já aspectos como a transparência na propriedade da mídia e o controle político sobre veículos e redes de distribuição apresentam risco médio para alto. A proteção legal quanto à propriedade cruzada e à neutralidade de rede é considerada de risco médio, enquanto não há dados disponíveis sobre a concentração financeira de mercado.

Esses dados evidenciam a fragilidade do sistema midiático brasileiro diante da concentração de poder e da influência econômica e política, comprometendo a pluralidade e o direito à informação democrática.

2 CAPITALISMO EM PAUTA

Para além da configuração da imprensa no Brasil e das transformações nas condições de trabalho provocadas pelas crises do capitalismo, a própria pauta jornalística, que orienta a apuração e define o que será noticiado, também reproduz e reforça as desigualdades,

segregações e estereótipos presentes na sociedade capitalista. O jornalismo não é neutro: o que é publicado na mídia integra uma lógica estratégica que molda e influencia diretamente a forma como enxergamos os acontecimentos.

De acordo com a hipótese da Agenda Setting, desenvolvida por Maxwell McCombs (1972), a mídia teria a capacidade de influenciar a importância percebida de certos temas e assuntos na opinião pública devido a escolha de quais temas destacar em detrimento de outros.

Podemos observar isso, por exemplo, na cobertura jornalística sobre terrorismo, guerras civis e genocídios. Há uma desumanização que se cruza com a raça, classe e gênero das vítimas e de seus agressores. Como cita Fabiana Moraes (2022), basta lembrar do 11 de Setembro de 2001, quando 2.977 pessoas morreram no ataque terrorista às Torres Gêmeas em Nova York, que virou marca no imaginário coletivo. Ao mesmo tempo, há uma deshumanização em relação aos mortos da Guerra da Síria (380 mil entre 2011-2020); da Guerra do Afeganistão (100 mil mortos e feridos entre 2009-2019); ou mesmo pelos mais de um milhão de mortos no genocídio de Ruanda (1994).

Para a autora, essas são estratégias utilizadas para a manutenção do poder. Como ela afirma, “tanto elementos presentes na concepção de uma reportagem quanto aqueles que foram descartados são sempre escolhas políticas e, sim, também arbitrarias” (MORAES, 2022, p. 10). Essa lógica está diretamente relacionada à própria construção do capitalismo, que se fundamenta em uma estrutura historicamente e estruturalmente racista. Nesse sentido, o racismo não é um desvio ou consequência, mas um elemento constitutivo dessa ordem social (FRASER, 2024).

Assim, mesmo que a mídia hegemônica brasileira atue como um instrumento de manutenção do capitalismo, é possível subverter essa lógica, especialmente quando reconhecemos que estamos imersos em algo que vai muito além de um simples sistema econômico. Trata-se de enfrentar uma estrutura complexa, e buscar formas de comunicação que rompam com a reprodução de desigualdades e exclusões.

3 JORNALISMO INDEPENDENTE: UM CAMINHO POSSÍVEL?

O jornalismo independente é definido como aquele que se distancia dos vínculos econômicos ou editoriais impostos por grandes conglomerados de mídia, posicionando-se como

uma alternativa crítica à mídia convencional (REIS, 2017, p. 194). Nessa perspectiva, ele busca quebrar com as estruturas tradicionais de produção de informação, frequentemente capturadas pelos interesses do mercado e do poder político.

De acordo com os profissionais de mídias independentes ouvidos pelo InternetLab para a construção do relatório *Desigualdades sociais e sustentabilidade de mídias no Brasil* (LIMA *et al.*, 2024), o marco histórico que configura o atual cenário de crescimento das mídias independentes foi denominada como “crise do modelo de jornalismo tradicional” praticado pelas mídias tradicionais, ou seja, pelos grandes conglomerados que exercem amplo domínio no panorama nacional. A pesquisa também atribui esse crescimento ao “aumento do acesso de populações historicamente vulnerabilizadas ao ensino superior, reflexo de políticas públicas criadas nos últimos 20 anos” (LIMA *et al.*, 2024, p. 13).

Fabiana Moraes, no livro *A pauta é uma arma de combate* (2022), considera a diversidade como elemento central para a construção de um jornalismo que rompa com a cobertura desumanizadora e amplifique a visibilidade de sujeitos historicamente silenciados. Esta diversidade precisa acontecer nas equipes de redação, nas pautas e, principalmente, nas fontes ouvidas. Buscar uma diversidade territorial, de raça, e de gênero nos especialistas consultados para as produções jornalísticas também é uma forma de romper com a lógica homogênea da grande imprensa e suas agendas previsíveis para construir uma comunicação que não apenas fale sobre, mas a partir de experiências múltiplas, descentralizadas e frequentemente marginalizadas.

A pesquisa *Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?* (SÁ *et al.*, 2023) concluiu que homens brancos assinam a maioria dos conteúdos da mídia tradicional, seguidos por mulheres brancas, homens negros e mulheres negras. Pessoas indígenas nem aparecem nos dados, pois, durante a análise, foi identificada apenas uma reportagem de autoria desse grupo.

Trazer mais diversidade, então, é um ponto positivo para o jornalismo independente. Contudo, ele enfrenta desafios estruturais importantes, sendo a sustentabilidade financeira um dos mais críticos. Ela se relaciona com questões complexas da desigualdades sociais, como acesso à educação, renda e acesso à internet. Dessa forma, é reafirmada “a necessidade de pensar sobre sustentabilidade no jornalismo compreendendo as especificidades do Brasil, onde

diversos atores contribuem para a produção de informação de interesse público” (LIMA et al., 2024, p. 18).

Os veículos de mídia independente emergiram com o advento da internet, que possibilitou a redução dos custos de produção e a ampliação do acesso à publicação de conteúdos. No entanto, essa expansão ainda é limitada: mais de 20 milhões de brasileiros não têm acesso à internet em casa, segundo dados do IBGE². De acordo com o *Digital News Report 2025* (NEWMAN et al., 2025), embora o consumo de notícias pela televisão esteja em queda constante, ela ainda atinge 54% da população brasileira, enquanto as redes sociais mantêm uma presença estável, com 46%. Além disso, novos formatos vêm ganhando espaço, como os podcasts (utilizados por 10% dos brasileiros) e os chatbots de inteligência artificial (usados por 9%). Nesse cenário, a audiência do jornalismo independente tende a permanecer restrita a um público específico, geralmente mais escolarizado, com maior renda e maior interesse por temas políticos e sociais.

Ainda assim, quando bem-sucedido, o jornalismo independente é capaz de pautar o debate e produzir efeitos concretos na sociedade. Suas reportagens já serviram de base para ações judiciais, debates públicos e até projetos de lei. Como exemplo, cito um caso Agência Pública de Jornalismo Investigativo, que revelou que o fundador da Casas Bahia, Samuel Klein, teria mantido uma rede de exploração sexual de meninas e mulheres por três décadas. Motivado pelas reportagens, um Projeto de Lei aprovado na Câmara aumentou de três para 20 anos o prazo para ações reparatórias sobre crimes sexuais contra crianças e adolescentes³.

Reconhecendo seu papel estratégico na democratização da informação, Lima *et al.* (2024) propõem um conjunto de diretrizes fundamentais para garantir a sustentabilidade das mídias independentes no Brasil. Entre as contribuições destacadas estão a criação de uma política de Estado voltada para o jornalismo de interesse público, a regulação das plataformas digitais com mecanismos eficazes de remuneração, a instituição de um fundo filantrópico específico para apoiar o jornalismo no Brasil e o fortalecimento de redes de mídias negras, indígenas, periféricas e territoriais. Essas ações visam enfrentar os desafios estruturais

² CNN BRASIL. Mais de 20 milhões de brasileiros não têm internet em casa, diz IBGE. 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mais-de-20-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-internet-em-casa-diz-ibge/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

³ AGÊNCIA PÚBLICA. Câmara aprova PL "Caso Klein" e amplia prazo para reparação a vítimas de abusos sexuais. 20 dez. 2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/12/camara-aprova-pl-caso-klein-e-amplia-prazo-para-reparacao-a-vitimas-de-abusos-sexuais/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

enfrentados por veículos independentes, especialmente em relação ao financiamento e à pluralidade de vozes no ecossistema midiático brasileiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia tradicional espelha e reproduz a estrutura capitalista, funcionando como uma ferramenta para a manutenção desse sistema. Nesse sentido, o jornalismo independente aparece como uma alternativa crítica, mas enfrenta grandes desafios, e a sustentabilidade financeira nem sempre é o principal deles. Até esse tipo de jornalismo já compreendeu que precisa fazer concessões para sobreviver, como aceitar financiamento para projetos de empresas como Google ou Meta, desde que sem interferência editorial.

O maior obstáculo, no entanto, está em alcançar o público. Mesmo cumprindo seu papel social e democrático, o jornalismo independente ainda está longe de se tornar uma fonte popular, acessível às pessoas que mais precisam dessas informações. Suas produções, embora relevantes e gratuitas, tendem a circular entre públicos mais escolarizados, com maior renda e interesse político, enquanto a mídia hegemônica segue sendo amplamente consumida pelas classes populares.

Ainda assim, isso não significa que o jornalismo independente deva ser descartado. Pelo contrário, ele precisa continuar sendo produzido, consumido e pensado. Trata-se de uma ferramenta essencial de enfrentamento, capaz de tensionar narrativas dominantes, reduzir desigualdades, romper estereótipos e ampliar a diversidade de vozes e fontes na cobertura midiática. Mais do que informar, ele tem potencial de gerar impactos concretos e transformações sociais.

Como aponta Fraser (2024), antes que o sistema capitalista nos devore por completo, é fundamental que, ao estudá-lo, também ampliemos nossa visão sobre o que deve vir a substituí-lo. Essa alternativa não pode se limitar à reorganização da economia, mas deve reinventar as relações entre produção e reprodução, entre o público e o privado, entre sociedade humana e natureza.

Nesse mesmo sentido, Moraes (2022) defende que, se com a pauta jornalística criamos apagamentos e desumanizações, também podemos transformá-la em uma poderosa arma de

combate, capaz de desarticular essas lógicas e instaurar novas práticas. Talvez não seja possível mudar o mundo por completo, mas certamente ele não permanecerá o mesmo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. **Câmara aprova PL "Caso Klein" e amplia prazo para reparação a vítimas de abusos sexuais.** 20 dez. 2023. Disponível em:

<https://apublica.org/2023/12/camara-aprova-pl-caso-klein-e-amplia-prazo-para-reparacao-a-vitimas-de-abusos-sexuais/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CNN BRASIL. **Mais de 20 milhões de brasileiros não têm internet em casa, diz IBGE.** 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mais-de-20-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-internet-em-casa-diz-ibge/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FELIX, Jorge. **O capital com “pressa” e o jornalista sem fonte.** In: MARQUES, Rosa Maria e FERREIRA, Mariana R. Jansen (orgs.). *O Brasil sob Nova Ordem: a economia brasileira contemporânea.* São Paulo: Saraiva, 2010. p. 353-373.

FERREIRA, Gil Baptista. **Qual o papel do jornalismo nas democracias contemporâneas? Jornalismo público e deliberação política.** Exedra: Revista Científica, n. 1, p. 79-92, 2011.

FRASER, Nancy. **Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso.** São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LIMA, S. (coord.); BRITO CRUZ, F.; BORGES, E.; HOUANG, A.; PAVARIN, V.; CINTRA, A. **Desigualdades sociais e sustentabilidade de mídias no Brasil.** São Paulo: InternetLab, 2024.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media.** *Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176-182, summer 1972.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. São Paulo: Arquipélago Editorial, 2022.

NEWMAN, Nic et al. **Digital News Report 2025**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2025. Disponível em:

https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2025-06/Digital_News-Report_2025.pdf. Acesso em: 18 jul. 2025.

REIS, Mariana. **Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil**. Vozes&Diálogo. Itajaí, v. 16, n. 01, jan./jun. 2017.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS; INTERVOZES. **Monitoramento da Propriedade da Mídia – Brasil: Indicadores de riscos à pluralidade na mídia**. 2017. Disponível em:

<https://brazil.mom-gmr.org/br/destaques/indicadores/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SÁ, Izabele; PORTELA, Poema; LEMOS, Fernanda; FERES JÚNIOR, João. **Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?** s.n.], 2023. Disponível em: [<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/raca-genero-e-imprensa-quem-escreve-nos-principais-jornais-do-brasil/>]. Agência Patrícia Galvão. Acesso em: 22 jul. 2025.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Do Graal, 1977.